

MINECRAFT

VIRGEM À CIDADE ANTIGA



DANNY LORE

*Para a minha irmãzinha, Des:
Tantos anos depois,
ainda procuramos novas aventuras
para partilharmos *juntos*.*



OPAL

Finalmente consegui.

Todos na aldeia pensam que já «fiz tudo». Quando dizem isso, estão a falar das aventuras, claro, e todos acham que as aventuras são o *máximo*. Por isso, é claro que a Opal, a Aventureira, já *fez tudo* o que tinha a fazer há muito tempo.

Percorri o mundo de ponta a ponta, lutei contra bruxas nos pântanos, saqueadores nas planícies e creepers nas cavernas. Trouxe para casa obsidiana, destroços antigos estranhos e todo o tipo de tesouros loucos. A maioria dos mapas atualizados disponíveis são baseados nas minhas viagens, e aqueles que não são, deviam ser (*jamais* usem os Caminhos Perfeitos do Paladino Puro se quiserem encontrar o caminho para casa!).

Nunca conheci ninguém que tivesse subido tão alto e desci do tão fundo como eu. Lutei contra um Dragão que a maior parte das pessoas pensava que não existia até eu trazer prova em contrário.

8 DANNY LORE

E sim, claro que *tudo isso* é muito fixe. Só pode ser, porque todos os que visitam a aldeia próxima ou me batem à porta querem ouvir as minhas histórias, ou recontá-las enquanto eu as ouço, ou dizerem-me o quanto gostariam de seguir o meu exemplo. Não lhes vou dizer que estão errados.

Mas *estão* errados quando pensam que *tudo isso* é o que existe. Porque hoje, depois de puxar esta alavanca, eu já terei feito *tudo*, pelo menos no que me diz respeito.

Terei criado a porta e a entrada *mais épica* e bela na história das portas.

OK, OK, só para *quem duvida de mim*: a maioria de vocês tem portas, e num mundo onde existem creepers, zombies e vizinhos coscuvilheiros, sabem como as portas são importantes. E sim, eu podia ter uma porta normal ou uma simples engenhoca de redstone. Pisava uma placa de pressão, puxava uma alavanca e uma laje de ferro abria ou fechava. Mas já *todos* fizemos isso... certo?

Por isso, tentem imaginar a porta Mais Fixe de sempre. Mesmo se a minha irmã Lisa subisse para a minha cabeça, seríamos demasiado baixas para alcançar o topo. É movida por pistões pegajosos e tanta redstone, que demorei *semanas* a extraí-la toda. É composta por vários blocos de ardósia, pedra negra dourada, ouro e cobre, que se retraem em pedaços perfeitamente sincronizados para revelar a quinta que eu e a Lisa construímos para nós.

Uma vez fechada, a pedra negra dourada e o ouro formam a silhueta do Dragão de Ender que derrotei. Só tinha os meus próprios esboços como referência, já que ninguém mais o tinha

visto, mas acho que lhe fiz justiça. No centro da porta coloquei um único bloco de diamante como olho do dragão. E este olho? Se montei a porta corretamente, deve ser o último bloco a recolher-se e o primeiro a voltar ao lugar.

Passei *meses* a planear e a minerar. Semanas a juntar todos os blocos, um a um. Usei lã e madeira e terra para criar um diagrama da melhor coisa que alguma vez construí, e depois substituí esses blocos por materiais de qualidade.

E agora sim, posso dizer que já «fiz tudo».

Ou, pelo menos, era esse o plano.

— Bem, pelo menos moveram-se blocos suficientes para podermos entrar em casa — declarou a Lisa. — Quero dizer, se treparamos uns quantos.

Olhei para cima, boquiaberta, para o fracasso total de engenharia que eu havia criado. Embora o lado superior esquerdo da porta se tivesse movido corretamente, depois disso apenas alguns pistões foram ativados, deixando buracos espalhados pela minha porta do Dragão concebida com todo o cuidado. Conseguia observar o nosso campo de trigo através dos buracos, as hastes a balançar ao vento.

— Não, não pode ser, eu planeei tudo na perfeição, devia funcionar...

A minha porta do Dragão fazia parte do muro que protegia a nossa quinta, e que tinha sido construído com a mesma madeira escura do muro que tínhamos erguido em torno da aldeia. Mas o muro seria inútil se a *porta* não funcionasse como porta, certo?

Ainda tinha os andaimes e os escadotes montados da fase de construção. Agarrei-me a um escadote do lado direito da porta

e comecei a subir. Tinha de perceber onde a construção tinha falhado ao certo. Será que os pistões estavam mal posicionados? Talvez a redstone...

A *redstone*. Assim que subi ao meu andaime e olhei para a porta de cima, ficou claro que essa era a raiz do problema. Havia pó de redstone espalhado em cima de alguns blocos. Será que os pistões tinham danificado blocos que eu não conseguia ver? Mais abaixo, pude ver que a minha rede de redstone ainda conectada estava a brilhar muito menos do que deveria... Ou seja, provavelmente, *também* tinha conectado pistões a mais, mesmo tendo feito as contas várias vezes e achado que estava tudo certo...

A Lisa estava a olhar para mim e, contra todas as minhas expetativas, não parecia estar nem um pouco impressionada. O que era péssimo por duas razões: primeiro, porque éramos tão parecidas que eu poderia estar a olhar para um reflexo da minha própria desilusão. Ou uma versão mais magricela e um pouco mais alta da minha própria desilusão, de qualquer forma. Certa vez, em jeito de piada, disse-lhe que ela parecia um rebento de árvore de braços cruzados, e ela apontou, com razão, que isso significava que só ia continuar a ficar mais alta do que eu.

A outra razão era porque a Lisa ficava sempre tão impressionada com as histórias de aventuras e criaturas estranhas do mundo. Eu sei que ela dava importância à minha antiga vida, mas eu queria que ela compreendesse que os meus projetos *aqui* também eram igualmente interessantes.

— Vais ficar à volta disso a noite toda, não vais. — A Lisa não estava a fazer uma pergunta.

— A porta devia *funcionar!* — gritei para baixo. — Será que preciso de mais redstone?

Aquilo chamou a atenção da Lisa, que pareceu ficar logo mais animada.

— Temos de ir minerar *esta noite?*

Revirei os olhos.

— É claro que não. — Os ombros dela descaíram enquanto eu descia a escada. — Posso esperar um dia ou dois antes de ir minerar. Primeiro, tenho de perceber a quantidade necessária. E *nunca* durante a noite. — Saltei os últimos degraus do escadote. — Mas esta noite vou voltar a fazer as contas da redstone. — Olhei para o céu. — Seja como for, tenho de instalar mais algumas tochas.

— Eu posso ajudar!

— Eu trato disso — prometi. A Lisa estava sempre pronta para me ajudar, e eu sentia-me grata, mas havia toda a espécie de mobs nas sombras. Eu podia levá-la comigo a minerar depois de limpar a estrada entre a minha mina favorita e a casa, mas para isso precisaria de *muita* mais luz.

A Lisa fez beicinho e cruzou os braços.

— Estás a agir como se eu estivesse a pedir para ir às profundezas ou algo parecido.

— Não, se estivesses a pedir para ir às profundezas, provavelmente eu pensaria que estavas a brincar.

— Tu fazes *sempre* isto — argumentou a Lisa. — Eu só quero ir buscar ferro e redstone contigo e tu ages sempre como se te estivesses a pedir para me levares à cidade antiga que...

— *Não voltes* a falar da cidade antiga. — Eu não quis ser brusca com ela e senti-me logo mal pelas minhas palavras.

Mas sempre que ela falava da cidade antiga, ou alguém me fazia perguntas sobre ela, eu voltava a *sentir* a cidade antiga.

É difícil explicar às pessoas. Até mesmo à Lisa. Para elas, a cidade antiga é mais uma das muitas histórias contadas pela Opal, a Aventureira. Claro, é a última grande aventura, e claro, a Opal, a Aventureira, não tem nenhuma lembrança, exceto alguns blocos guardados num baú, mas é uma cena fixe, certo?

Bem, não é. E nunca foi. Porque quando falam sobre a cidade antiga, o meu coração começa a bater rápido e alto nos meus ouvidos, e as minhas mãos ficam suadas e trémulas. Se fico a pensar na cidade antiga por muito tempo, é como se o mundo à minha volta se tornasse um pouco mais escuro e assustador. E, às vezes, é como se conseguisse ouvir os alarmes, embora não haja nenhum por perto. Quando as coisas ficam muito más, tapo os ouvidos com as mãos até passar.

E quando as coisas ficam mesmo muito más, consigo sentir o chão a tremer com as passadas gigantes que ouvi no escuro profundo.

Mas, mesmo sem compreender bem, a Lisa faz o possível para ajudar. Quando a situação fica muito grave, ela diz às pessoas para se calarem e para me deixarem em paz. Ela não sabe porque é que às vezes fico muito irritada se ela diz «cidade antiga» ou «guarda», e outras vezes consigo respirar fundo e ficar bem.

E não lhe posso explicar porque *eu* também não comprehendo.

A Lisa levantou as mãos.

— OK, OK, pronto, desculpa.

— Não, eu é que peço desculpa — disse-lhe. Respirei fundo. Ela não fez asneira com a porta, eu é que fiz, por isso não tinha motivos para me zangar com ela. — Fazemos assim: vou pôr uma porta de madeira no lugar da porta do Dragão para esta noite e amanhã vamos à aldeia. Podemos trocar alguma coisa para o jantar, talvez perceber se o alfaiate tem algo novo para ti.

Isto foi o suficiente para distrair a Lisa da forma brusca como eu a tinha tratado, e o seu rosto iluminou-se.

— Parece-me divertido! — Ela começou logo a traçar o seu plano de «ataque», a dizer que queria flores para fazer tranças e que precisava de peixe para alimentar os gatos da zona. Divertido.

Bem mais divertido, pensei, que ficar a ruminar numa porta estragada ou naquela terrível cidade antiga.



LISA

A melhor parte da cidade é o ferreiro. Quando fecho os olhos, os sons da pedra de amolar e o calor das fornalhas soam como imagino que seja lutar nas cavernas:

A lava logo ali ao lado a aquecer-me enquanto salto e me esquivo de esqueletos e outras criaturas, com a espada ocasionalmente a atingir as pedras ou a armadura dos inimigos. O choque e o tímido das lâminas e dos escudos, com todo o tipo de sons perigosos nas proximidades, mais inimigos a cercarem-me...

Mas quando abro os olhos novamente, tudo o que vejo é um grupo de aldeões, a passearem pelo mercado ao pôr do sol, a conversar muito alto e em perfeita segurança, exceto o Velho Pete, que adormeceu ao lado das suas vacas e cujo mau hálito é o inimigo mais assustador que alguma vez vi.

Não dá para lutar contra roncos fedorentos. Eu já tentei.

Não me entendam mal, ninguém na cidade é mau ou malvado. Eles *adoram-nos*. Afinal, a Opal salvou-os de um bando

de saqueadores e de todo o tipo de outras criaturas. Sempre que nos veem, ficam radiantes e querem falar sobre tudo o que têm feito. Acho que querem impressionar-nos quando nos mostram as maiores colheitas, as melhores vacas e tudo o resto.

A Opal também fica sempre animada, como se estivesse realmente impressionada. Não entendo como ela consegue sempre fazer isto, porque eu cango-me facilmente das conversas da aldeia. As coisas mais interessantes de que as pessoas falam são quando os mineiros explicam por que tiveram de parar de minerar à noite ou quando algum outro aventureiro passa pela aldeia. Mesmo quando perdemos esses acontecimentos, há sempre *alguém* na aldeia pronto a partilhar a história connosco.

Desta vez, assim que chegámos à aldeia, um dos comerciantes locais começou a mostrar os seus produtos à Opal. Ela fica animada quando fala sobre tintas para roupas ou algo assim (*adora* falar sobre couros coloridos tanto quanto eu gosto de ouvir falar sobre o Nether) e eu sabia que ela ficaria presa nesta conversa por algum tempo. Por isso, afastei-me um pouco para ver o objeto mais impressionante da cidade, do qual nunca, *jamais* me farto.

Quando a minha irmã derrotou o Dragão de Ender, ela voltou para o Overworld com alguns tesouros diferentes. O ovo de dragão ela guardou em casa, porque está sempre preocupada que alguém o roube. Mas e a cabeça do Dragão? Ela ofereceu-a à aldeia, para decorar uma grande fonte com uma estátua no meio da praça. Um dos habitantes insistiu em fazer uma estátua da Opal a segurar uma espada de diamante em direção ao

céu e com o crânio do Dragão na anca. Usaram diamante verdadeiro, extraído pela própria Opal, para fazer a espada e, à medida que o céu escurecia, a luz das tochas da cidade incidia sobre ela.

A estátua é igualzinha à minha irmã, mas na realidade nunca me parece *perfeita*. É a pose e a expressão que a fazem parecer estranha. É tão... heroica em comparação com a Opal que vejo a toda a hora, aquela que se preocupa com portas mecânicas e couros tingidos. Nunca vi a Opal tal como ela está naquela estátua, mas é assim que a imagino nas histórias que ela conta.

Abri um pouco mais as pernas e pus uma mão na anca. Confirmei que a pose estava igual à da estátua antes de levantar a outra mão no ar.

Somos parecidas o suficiente, com os nossos cabelos encaracolados e pele cor de carvalho escuro, que provavelmente eu poderia dizer que a estátua era uma má representação minha, e alguém que não conhecesse a Opal acreditaria. O problema é que, obviamente, não há ninguém que veja a estátua e não tenha ouvido falar da Opal. Não dá para fingir nem por um minuto.

Reparei que uma das crianças da aldeia estava a olhar para mim a poucos metros dali. Estreitei os olhos para ela antes de lhe mostrar a língua de forma dramática. A criança riu-se e mostrou-me também a língua. Baixei o braço e coloquei as duas mãos na cintura enquanto levantava um pouco mais o queixo.

— Também *podia* ter uma estátua — murmurei para mim mesma enquanto virava costas ao monumento. — Só preciso de uma boa aventura.

— Lisa!

Suspirei ao ouvir o som da voz da Opal; claro que o meu momento de devaneio tinha de ser desfeito. Provavelmente ela queria que eu transportasse um monte de compras para nós as duas. Ela comprava sempre alguma coisa para mim, embora nunca me deixasse acompanhá-la nas suas viagens.

— Lisa!

— Já vou, já...

Virei-me na direção da voz da minha irmã e fiquei paralisada. Ela estava a correr na minha direção, com o que eu imaginei serem as suas compras espalhadas pelo chão atrás dela. Parecia... preocupada? Assustada? Tal como ficava quando tinha um pesadelo ou quando alguém fazia demasiadas perguntas sobre a sua última aventura. Ela *nunca* ficava com aquela expressão quando fazia compras...

Foi então que vi os mobs.

Não sabia dizer de onde vinham, mas, atrás dela, as criaturas mais estranhas que alguma vez tinha visto estavam a invadir a cidade! Pareciam uma mistura de zombies e porcos, movendo-se rapidamente sobre duas patas. Havia pelo menos uma dúzia deles, alguns com armaduras e outros sem, a fazer os ruídos mais terríveis que já tinha ouvido na vida. E estavam a atacar os aldeões!

Dei alguns passos para trás, mas estava demasiado perto da fonte e tropecei. A Opal estendeu a mão e não me alcançou por pouco. Bati na água com estrondo e mal tive tempo de suster a respiração.

A Opal chamava por mim à superfície enquanto os guinchos dos porcos zombies e os gritos dos aldeões ficavam mais

altos. Fui puxada com força para fora da fonte e fiquei tonta por um segundo, com a água a turvar a minha visão.

Quando a minha visão clareou, olhei por cima do ombro da Opal e deparei-me com o caos. Os porcos zombies pareciam não saber o que fazer. Qualquer um que tentasse defender-se, que os empurrasse ou se aproximasse demais, era atacado. Não havia alvos, eles apenas perseguiam qualquer coisa que *parecesse* uma ameaça e ficavam fixados nela. Os aldeões fugiam, mas se accidentalmente chamassem a atenção dos porcos zombies, não importava. Era horrível, e o meu coração batia forte nos meus ouvidos cheios de água.

Mas se os aldeões não os conseguiam travar, então parecia que eu e a Opal teríamos de o fazer. Embora eu não tivesse ideia de como o fazer.

Por isso, esmurrei o porco zombie que se estava a aproximar por trás da Opal antes sequer de me aperceber do que tinha feito. A criatura soltou um guincho agudo horrível e agarrou-se ao focinho tempo o suficiente para a Opal virar-se e ver o que estava a acontecer.

Eu nunca a tinha visto a lutar a sério antes, apenas tinha ouvido histórias e tinha-a convencido a ensinar-me a usar uma espada e um arco. Embora o ataque fosse assustador, vi a Opal a acertar no porco zombie com o cotovelo, e ela parecia tão fixe. Como se soubesse o que estava a fazer, o que era mais do que se podia dizer de qualquer outra pessoa na aldeia.

— Vai ao armeiro! — gritou a Opal. — Traz-me... alguma coisa!

Era difícil tirar os olhos dela a pontapear o porco zombie, mas a Opal falou com tanta autoridade que comecei a mover-me au-

tomaticamente. A casa do armeiro ficava ali perto e poucos segundos depois eu já estava a bater à porta. O armeiro tinha-a fechado rapidamente durante o ataque. Parece que não é preciso ser corajoso para fabricar armas.

— Deixem-me em paz! — gritou uma voz trémula vinda do interior.

— Precisamos de armas para nos protegermos! — gritei de volta. Não ouvi nada em resposta, por isso apliquei mais dois ou três pontapés à porta. — Argh, és péssimo!

Corri para as traseiras da casa, onde o armeiro tinha instalado uma forja exterior. As *melhores* armas estavam guardadas dentro de casa, mas havia ali uma picareta e uma espada de ferro. Teriam de servir.

Ouviu-se outro guincho horrível perto de mim, e agitei ambas as ferramentas descontroladamente à minha volta, sem conseguir-me lembrar de nada do que a Opal me ensinara. Não sei como, mas a picareta de ferro acertou no alvo, e o porco zombie recuou por um segundo antes de se lançar novamente sobre mim. Tentei concentrar-me em brandir a espada, já que não sabia como usar duas armas ao mesmo tempo. O meu plano original era fazer o porco zombie cambalear e depois passar a correr por ele. Mas em vez disso, pensei nas histórias de aventuras que a Opal me tinha contado. Se ela não tinha fugido, eu também não o faria! Por isso, continuei a golpear o mob, tentando não cair quando ele me golpeou de volta. O porco zombie contra-atacou com força, usando a sua espada, fazendo-me lembrar de quando a Opal me tinha acertado na cabeça accidentalmente durante um treino.

Piglin. Quando o porco zombie soltou o seu guincho final, lembrei-me da palavra. Este devia ser um piglin de uma das aventuras da Opal, embora não me lembrasse de ouvi-la a descrevê-los como *zombies*. Nem sabia que eles se podiam transformar em zombies. Algo de muito mau deve ter acontecido.

Corri de volta para a Opal, pronta para lhe atirar a espada, mas o que vi fez-me parar: ela já tinha deitado a mão a uma das bestas usadas pelos piglins zombies! Ainda estava parcialmente encurralada pelos piglins zombies, que guinchavam e gemiam enquanto tentavam agarrá-la, mas ela já tinha derrubado alguns deles.

Gritei o nome dela e por momentos preocupei-me que isso tivesse sido um erro. Um par de piglins reparou em mim, e a Opal ficou paralisada. Eu não sabia se o som que tinha feito os levaria a atacar-me em grupo, mas se isso acontecesse, estava tramada.

— A picareta, Lisa, lança-me a picareta!

Ergui a espada, porque obviamente ela devia estar a referir-se à espada, mas a Opal repetiu o grito. Levantei o braço bem alto e atirei a picareta com toda a força. A Opal apanhou-a com uma mão enquanto disparava a besta com a outra.

Ela parecia *tão* fixe. Mas só tive um segundo para pensar nisso antes de começar a defender-me dos dois piglins. Era mais fácil lembrar-me do que fazer quando apenas tinha uma ferramenta nas mãos, mas ainda assim eles não foram fáceis de derrubar.

Pelo canto do olho, vi a Opal. Ela estava a subir a sua estátua e tinha largado a besta a meio. Pensei que tinha sido por acidente até que a vi a erguer a picareta...

... E começar a quebrar a estátua para deitar mão à espada de diamante!

NUNCA RUMES À CIDADE ANTIGA SOZINHO... QUEM TE AVISA, TEU AMIGO É!

AOpal, que já viveu tudo o que havia para viver no Minecraft, só quer uma vida tranquila e construir a casa dos seus sonhos. Mas a irmã Lisa quer muito seguir as suas pisadas e partir rumo a uma grande aventura!

Com a chegada de um viajante chamado Braun, que diz saber como derrotar o Guarda — o temível monstro que nem a Opal conseguiu vencer na cidade antiga —, a Lisa não hesita em juntar-se a essa jornada épica.

Nas profundezas da cidade antiga, os três aventureiros vão ter de se unir e acabar por aprender uma grande lição: a união faz mesmo a força!

LÊ TAMBÉM:



MOJANG
STUDIOS

© 2026 Mojang AB. TM Microsoft Corporation.

MINECRAFT™



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

penguinlivros.pt
f penguinkidspt

10+

ISBN: 978-989-589-219-8



9 789895 892198